



ALCÂNTARA-MA

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALCÂNTARA - MARANHÃO

**PROFESSOR ENSINO FUNDAMENTAL
(ANOS FINAIS) - INGLÊS**

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Noções de Informática
- ▶ Conhecimentos de História e Geografia de Alcântara – MA
- ▶ Fundamentos da Educação
- ▶ Conhecimentos Específicos

INCLUI QUESTÕES GABARITADAS

**EDITAL DO CONCURSO PÚBLICO
Nº. 001 DE 12/12/2025**



41
ANOS
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO

BÔNUS

ÁREA DO
CONCURSEIRO

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.



AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✖ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✖ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✖ Questões gabaritadas
- ✖ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



ALCÂNTARA - MA

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALCÂNTARA -
MARANHÃO - MA

Professor Ensino
Fundamental (Anos Finais)
- Inglês

EDITAL DO CONCURSO PÚBLICO Nº. 001 DE
12/12/2025

CÓD: SL-018FV-26
7908433290506

Língua Portuguesa

1. Compreensão e Interpretação de textos	7
2. Textualidade: coerência e coesão	10
3. Tipologias e gêneros textuais.....	11
4. Funções da linguagem	13
5. Variação de registro e norma linguística.....	14
6. Criação lexical e os processos de formação de palavras.....	16
7. Classes de palavras	17
8. Sintaxe: período simples e período composto.....	26
9. Sintaxe das relações: concordância nominal e verbal.....	31
10. Regência nominal e verbal.....	32
11. Emprego do acento grave	35
12. Figuras de linguagem	36
13. Elementos de semântica: significação das palavras no contexto, polissemia	40
14. Pontuação	43
15. Regras de acentuação	46

Noções de Informática

1. Computadores: conceitos básicos, utilização, tipos, conectores e componentes (hardware e software).....	59
2. Sistema operacional: noções básicas, gerenciamento de dispositivos, processos, memórias e armazenamento, arquivos e diretórios, usuários, utilização e interfaces, configurações e ferramentas do sistema operacional Windows 11	63
3. Suítes de aplicativos (Microsoft Office 365): editores de textos, planilhas e apresentações.....	69
4. Redes de computadores: conceitos básicos, redes cabeadas e wireless, serviços, protocolos, aplicativos	77
5. Internet: navegadores (Microsoft Edge e Google Chrome); mecanismos de buscas, acesso e compartilhamento de dados e recursos.....	82
6. Aplicativos de correio eletrônico	86
7. Outras ferramentas de comunicação (WhatsApp, Telegram e Google Meet) e redes sociais	89
8. Computação em nuvem (cloud computing)	91
9. Aplicativos Web: Gmail, Agenda, Mapas, Meet, Chat, Drive, Documentos, Planilhas, Apresentações e Formulários	93
10. Segurança da Informação: noções de malwares, ferramentas de segurança, procedimentos de segurança, backup e tipos de ataques	98
11. Inteligência Artificial: noções de uso e aplicações	105

Conhecimentos de História e Geografia de Alcântara – MA

1. Enciclopédia dos municípios brasileiros, de autoria do Instituto de Geografia e Conselho Nacional de Estatística. Volume 15. Municípios do Estado do Maranhão e do Piauí	111
2. Enciclopédia dos municípios maranhenses - Volume 01 - Microrregião do Litoral Ocidental Maranhense	113

Fundamentos da Educação

1. Fundamentos sócio-filosóficos da Educação	115
2. Paradigmas Educacionais/Tendências Pedagógicas	117
3. A Função social da escola	119
4. O projeto político-pedagógico da escola	120
5. Currículo escolar, Planejamento e avaliação	122
6. Novas tecnologias da informação e comunicação e suas contribuições com a prática pedagógica	125
7. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e suas alterações	128
8. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos	147
9. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana	148
10. O Estatuto da Criança e do adolescente – Lei Federal nº 8.069/90, artigos 53 a 59 e 136 a 137	150
11. Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.05/2014	151
12. Desafios da Educação Brasileira: Analfabetismo, Evasão, Repetência	167
13. Formação e Valorização do Professor	169
14. Gestão democrática da Educação	170
15. Evolução Histórica da Educação Brasileira	176

Conhecimentos Específicos Professor Ensino Fundamental (Anos Finais) - Inglês

1. Compreensão de textos verbais e não verbais sobre assuntos variados	187
2. Tipologia Textual	188
3. Características/elementos discursivos da língua inglesa: Gêneros e estrutura textuais, coesão e coerência	189
4. Conhecimento das estruturas do discurso da sintaxe, da morfologia e da semântica de Língua Inglesa	194
5. Emprego de palavras variáveis e invariáveis	197
6. O uso dos verbos: Regular and Irregular; Verb tenses; The simple tenses; The continuous tenses; The perfect tenses; Auxiliares; Modals; Imperative; Active and Passive Voices; Articles: Definite and Indefinite; Nouns: Formation of Plural: Regular and Irregular	201
7. The Possessive (Genitive) Case	207
8. Adjectives, Adverbs, Pronouns, Preposition, Conjunctions	207
9. Metodologias e abordagens do ensino da Língua Inglesa; BNCC – Língua Inglesa	215

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

DIFERENÇA ENTRE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades interligadas, mas que apresentam diferenças claras e que devem ser reconhecidas para uma leitura eficaz, principalmente em contextos de provas e concursos públicos.

Compreensão refere-se à habilidade de entender o que o texto comunica de forma explícita. É a identificação do conteúdo que o autor apresenta de maneira direta, sem exigir do leitor um esforço de interpretação mais aprofundado. Ao compreender um texto, o leitor se concentra no significado das palavras, frases e parágrafos, buscando captar o sentido literal e objetivo daquilo que está sendo dito. Ou seja, a compreensão é o processo de absorver as informações que estão na superfície do texto, sem precisar buscar significados ocultos ou inferências.

Exemplo de compreensão:

Se o texto afirma: “Jorge era infeliz quando fumava”, a compreensão dessa frase nos leva a concluir apenas o que está claramente dito: Jorge, em determinado período de sua vida em que fumava, era uma pessoa infeliz.

Por outro lado, a **interpretação** envolve a leitura das entrelinhas, a busca por sentidos implícitos e o esforço para compreender o que não está diretamente expresso no texto. Essa habilidade requer do leitor uma análise mais profunda, considerando fatores como contexto, intenções do autor, experiências pessoais e conhecimentos prévios. A interpretação é a construção de significados que vão além das palavras literais, e isso pode envolver deduzir informações não explícitas, perceber ironias, analogias ou entender o subtexto de uma mensagem.

Exemplo de interpretação:

Voltando à frase “Jorge era infeliz quando fumava”, a interpretação permite deduzir que Jorge provavelmente parou de fumar e, com isso, encontrou a felicidade. Essa conclusão não está diretamente expressa, mas é sugerida pelo contexto e pelas implicações da frase.

Em resumo, a compreensão é o entendimento do que está no texto, enquanto a interpretação é a habilidade de extrair do texto o que ele não diz diretamente, mas sugere. Enquanto a compreensão requer uma leitura atenta e literal, a interpretação exige uma leitura crítica e analítica, na qual o leitor deve conectar ideias, fazer inferências e até questionar as intenções do autor.

Ter consciência dessas diferenças é fundamental para o sucesso em provas que avaliam a capacidade de lidar com textos, pois, muitas vezes, as questões irão exigir que o candidato saiba

identificar informações explícitas e, em outras ocasiões, que ele demonstre a capacidade de interpretar significados mais profundos e complexos.

TIPOS DE LINGUAGEM

Para uma interpretação de textos eficaz, é fundamental entender os diferentes tipos de linguagem que podem ser empregados em um texto. Conhecer essas formas de expressão ajuda a identificar nuances e significados, o que torna a leitura e a interpretação mais precisas. Há três principais tipos de linguagem que costumam ser abordados nos estudos de Língua Portuguesa: a linguagem verbal, a linguagem não-verbal e a linguagem mista (ou híbrida).

► Linguagem Verbal

A linguagem verbal é aquela que utiliza as palavras como principal meio de comunicação. Pode ser apresentada de forma escrita ou oral, e é a mais comum nas interações humanas. É por meio da linguagem verbal que expressamos ideias, emoções, pensamentos e informações.

Exemplos:

- Um texto de livro, um artigo de jornal ou uma conversa entre duas pessoas são exemplos de linguagem verbal.
- Quando um autor escreve um poema, um romance ou uma carta, ele está utilizando a linguagem verbal para transmitir sua mensagem.

Na interpretação de textos, a linguagem verbal é a que oferece o conteúdo explícito para compreensão e análise. Portanto, ao se deparar com um texto em uma prova, é a partir da linguagem verbal que se começa o processo de interpretação, analisando as palavras, as estruturas frasais e a coesão do discurso.

► Linguagem Não-Verbal

A linguagem não-verbal é aquela que se comunica sem o uso de palavras. Ela faz uso de elementos visuais, como imagens, cores, símbolos, gestos, expressões faciais e sinais, para transmitir mensagens e informações. Esse tipo de linguagem é extremamente importante em nosso cotidiano, já que muitas vezes as imagens ou os gestos conseguem expressar significados que palavras não conseguem capturar com a mesma eficiência.

Exemplos:

- Uma placa de trânsito que indica “pare” por meio de uma cor vermelha e um formato específico.
- As expressões faciais e gestos durante uma conversa ou em um filme.

- Uma pintura, um logotipo ou uma fotografia que transmitem sentimentos, ideias ou informações sem o uso de palavras.

No contexto de interpretação, a linguagem não-verbal exige do leitor uma capacidade de decodificar mensagens que não estão escritas. Por exemplo, em uma prova que apresenta uma charge ou uma propaganda, será necessário interpretar os elementos visuais para compreender a mensagem que o autor deseja transmitir.

► Linguagem Mista (ou Híbrida)

A linguagem mista é a combinação da linguagem verbal e da linguagem não-verbal, ou seja, utiliza tanto palavras quanto imagens para se comunicar. Esse tipo de linguagem é amplamente utilizado em nosso dia a dia, pois permite a transmissão de mensagens de forma mais completa, já que se vale das características de ambas as linguagens.

Exemplos:

- Histórias em quadrinhos, que utilizam desenhos (linguagem não-verbal) e balões de fala (linguagem verbal) para narrar a história.
- Cartazes publicitários que unem imagens e slogans para atrair a atenção e transmitir uma mensagem ao público.
- As apresentações de slides que combinam texto e imagens para tornar a explicação mais clara e interessante.

A linguagem mista exige do leitor uma capacidade de integrar informações provenientes de diferentes fontes para construir o sentido global da mensagem. Em uma prova, por exemplo, é comum encontrar questões que apresentam textos e imagens juntos, exigindo que o candidato compreenda a interação entre a linguagem verbal e não-verbal para interpretar corretamente o conteúdo.

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é um conceito fundamental para quem deseja compreender e interpretar textos de maneira aprofundada. Trata-se do diálogo que um texto estabelece com outros textos, ou seja, a intertextualidade ocorre quando um texto faz referência, de maneira explícita ou implícita, a outro texto já existente. Esse fenômeno é comum na literatura, na publicidade, no jornalismo e em diversos outros tipos de comunicação.

► Definição de Intertextualidade

Intertextualidade é o processo pelo qual um texto se relaciona com outro, estabelecendo uma rede de significados que enriquece a interpretação. Ao fazer referência a outro texto, o autor cria um elo que pode servir para reforçar ideias, criticar, ironizar ou até prestar uma homenagem. Essa relação entre textos pode ocorrer de várias formas e em diferentes graus de intensidade, dependendo de como o autor escolhe incorporar ou dialogar com o texto de origem.

O conceito de intertextualidade sugere que nenhum texto é completamente original, pois todos se alimentam de outros textos e discursos que já existem, criando um jogo de influências,

inspirações e referências. Portanto, a compreensão de um texto muitas vezes se amplia quando reconhecemos as conexões intertextuais que ele estabelece.

► Tipos de Intertextualidade

A intertextualidade pode ocorrer de diferentes formas. Aqui estão os principais tipos que você deve conhecer:

▪ **Citação:** É a forma mais explícita de intertextualidade. Ocorre quando um autor incorpora, de forma literal, uma passagem de outro texto em sua obra, geralmente colocando a citação entre aspas ou destacando-a de alguma maneira.

▪ **Exemplo:** Em um artigo científico, ao citar um trecho de uma obra de um pesquisador renomado, o autor está utilizando a intertextualidade por meio da citação.

▪ **Paráfrase:** Trata-se da reescritura de um texto ou trecho de forma diferente, utilizando outras palavras, mas mantendo o mesmo conteúdo ou ideia central do original. A paráfrase respeita o sentido do texto base, mas o reinterpreta de forma nova.

▪ **Exemplo:** Um estudante que lê um poema de Carlos Drummond de Andrade e reescreve os versos com suas próprias palavras está fazendo uma paráfrase do texto original.

▪ **Paródia:** Nesse tipo de intertextualidade, o autor faz uso de um texto conhecido para criar um novo texto, mas com o objetivo de provocar humor, crítica ou ironia. A paródia modifica o texto original, subvertendo seu sentido ou adaptando-o a uma nova realidade.

▪ **Exemplo:** Uma música popular que é reescrita com uma nova letra para criticar um evento político recente é um caso de paródia.

▪ **Alusão:** A alusão é uma referência indireta a outro texto ou obra. Não é citada diretamente, mas há indícios claros que levam o leitor a perceber a relação com o texto original.

▪ **Exemplo:** Ao dizer que “este é o doce momento da maçã”, um texto faz alusão à narrativa bíblica de Adão e Eva, sem mencionar explicitamente a história.

▪ **Pastiche:** É um tipo de intertextualidade que imita o estilo ou a forma de outro autor ou obra, mas sem a intenção crítica ou irônica que caracteriza a paródia. Pode ser uma homenagem ou uma maneira de incorporar elementos de uma obra anterior em um novo contexto.

▪ **Exemplo:** Um romance que adota o estilo narrativo de um clássico literário como “Dom Quixote” ou “A Divina Comédia” para contar uma história contemporânea.

► A Função da Intertextualidade

A intertextualidade enriquece a leitura, pois permite que o leitor estabeleça conexões e compreenda melhor as intenções do autor. Ao perceber a referência a outro texto, o leitor amplia seu entendimento e aprecia o novo sentido que surge dessa relação. Além disso, a intertextualidade contribui para criar

NOÇÕES DE INFORMÁTICA

COMPUTADORES: CONCEITOS BÁSICOS, UTILIZAÇÃO, TIPOS, CONECTORES E COMPONENTES (HARDWARE E SOFTWARE)

Hardware

O hardware são as partes físicas de um computador. Isso inclui a Unidade Central de Processamento (CPU), unidades de armazenamento, placas mãe, placas de vídeo, memória, etc.. Outras partes extras chamados componentes ou dispositivos periféricos incluem o mouse, impressoras, modems, scanners, câmeras, etc.

Para que todos esses componentes sejam usados apropriadamente dentro de um computador, é necessário que a funcionalidade de cada um dos componentes seja traduzida para algo prático. Surge então a função do sistema operacional, que faz o intermédio desses componentes até sua função final, como, por exemplo, processar os cálculos na CPU que resultam em uma imagem no monitor, processar os sons de um arquivo MP3 e mandar para a placa de som do seu computador, etc. Dentro do sistema operacional você ainda terá os programas, que dão funcionalidades diferentes ao computador.

Gabinete

Também conhecido como torre ou caixa, é a estrutura que abriga os componentes principais de um computador, como a placa-mãe, processador, memória RAM, e outros dispositivos internos. Serve para proteger e organizar esses componentes, além de facilitar a ventilação.

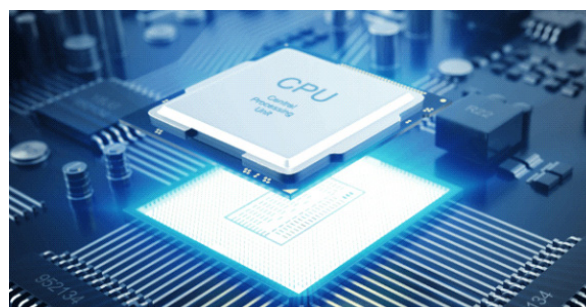


Gabinete

Processador ou CPU (Unidade de Processamento Central)

É o cérebro de um computador. É a base sobre a qual é construída a estrutura de um computador. Uma CPU funciona, basicamente, como uma calculadora. Os programas enviam

cálculos para o CPU, que tem um sistema próprio de “fila” para fazer os cálculos mais importantes primeiro, e separar também os cálculos entre os núcleos de um computador. O resultado desses cálculos é traduzido em uma ação concreta, como por exemplo, aplicar uma edição em uma imagem, escrever um texto e as letras aparecerem no monitor do PC, etc. A velocidade de um processador está relacionada à velocidade com que a CPU é capaz de fazer os cálculos.



CPU

Cooler

Quando cada parte de um computador realiza uma tarefa, elas usam eletricidade. Essa eletricidade usada tem como uma consequência a geração de calor, que deve ser dissipado para que o computador continue funcionando sem problemas e sem engargalos no desempenho. Os coolers e ventoinhas são responsáveis por promover uma circulação de ar dentro da case do CPU. Essa circulação de ar provoca uma troca de temperatura entre o processador e o ar que ali está passando. Essa troca de temperatura provoca o resfriamento dos componentes do computador, mantendo seu funcionamento intacto e prolongando a vida útil das peças.



Cooler

Placa-mãe

Se o CPU é o cérebro de um computador, a placa-mãe é o esqueleto. A placa mãe é responsável por organizar a distribuição dos cálculos para o CPU, conectando todos os outros componentes externos e internos ao processador. Ela também é responsável por enviar os resultados dos cálculos para seus devidos destinos. Uma placa mãe pode ser on-board, ou seja, com componentes como placas de som e placas de vídeo fazendo parte da própria placa mãe, ou off-board, com todos os componentes sendo conectados a ela.



Placa-mãe

Fonte

A fonte de alimentação é o componente que fornece energia elétrica para o computador. Ela converte a corrente alternada (AC) da tomada em corrente contínua (DC) que pode ser usada pelos componentes internos do computador.



Fonte

Placas de vídeo

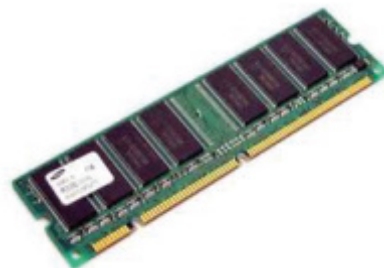
São dispositivos responsáveis por renderizar as imagens para serem exibidas no monitor. Elas processam dados gráficos e os convertem em sinais visuais, sendo essenciais para jogos, edição de vídeo e outras aplicações gráficas intensivas.



Placa de vídeo

Memória RAM

Random Access Memory ou Memória de Acesso Randômico é uma memória volátil e rápida que armazena temporariamente os dados dos programas que estão em execução no computador. Ela perde o conteúdo quando o computador é desligado.



Memória RAM

Memória ROM

Read Only Memory ou Memória Somente de Leitura é uma memória não volátil que armazena permanentemente as instruções básicas para o funcionamento do computador, como o BIOS (Basic Input/Output System ou Sistema Básico de Entrada/Saída). Ela não perde o conteúdo quando o computador é desligado.

Memória cache

Esta é uma memória muito rápida e pequena que armazena temporariamente os dados mais usados pelo processador, para acelerar o seu desempenho. Ela pode ser interna (dentro do processador) ou externa (entre o processador e a memória RAM).

Barramentos

Os barramentos são componentes críticos em computadores que facilitam a comunicação entre diferentes partes do sistema, como a CPU, a memória e os dispositivos periféricos. Eles são canais de comunicação que suportam a transferência de dados. Existem vários tipos de barramentos, incluindo:

CONHECIMENTOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE ALCÂNTARA – MA

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, DE AUTORIA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. VOLUME 15. MUNICÍPIOS DO ESTADO DO MARANHÃO E DO PIAUÍ

IMPULSO ECONÔMICO DO BRASIL NO PÓS-GUERRAS E O DESAMPARO DO MEIO-NORTE

► Industrialização, excedentes de guerra e desigualdades regionais

A economia do Brasil vem recebendo forte impulso, sobretudo, após as duas guerras mundiais. A teoria da necessidade pode ser evocada para explicar esses avanços acelerados no rumo do progresso. As dificuldades de importação, no tempo dos bloqueios marítimos, geraram o estímulo indispensável ao abastecimento do nosso mercado interno. Com o término do último conflito, o Brasil soube aproveitar os excedentes de guerra, que representavam para os Estados Unidos um sério problema.

O esforço industrial destinado ao consumo bélico formou, na América do Norte, um parque de meios de produção que ultrapassava de muito a capacidade de absorção do consumo em tempos de paz. Esse impasse levou aquela grande nação a buscar, de qualquer modo, livrar-se da produção utilizada na guerra, para manter um mercado relativo, após a desmobilização, para os produtos novos; pois, ainda que se reduzisse o ritmo de trabalho, ele continuava superior à capacidade de absorção dos mercados empobrecidos pelo conflito. E os Estados Unidos nos ofereceram, a qualquer preço, enorme volume de bens que facilitaram o desenvolvimento de nossas atividades. Como exemplo, citaríamos a nossa rede de transporte aeroviário, que teve papel decisivo na penetração do interior, com o lançamento dos famosos Douglas em todas as direções, aeronaves essas adquiridas como excedentes de guerra, por valores que chegaram a trezentos mil cruzeiros a unidade.

Do mesmo modo, no transporte terrestre, a difusão do uso dos “Jeeps” e dos caminhões decorreu do mesmo fator. A princípio, esses transportes se faziam, no Meio-Norte, por estradas improvisadas, praticamente abertas nas chapadas pelo próprio veículo. Assim se foi formando uma rede rodoviária que hoje já se encontra em condições razoáveis de tráfego e estendida por grande parte da região.

Mas a guerra favoreceu mais os Estados sulinos que, estando em grau de evolução industrial bem mais adiantado, puderam expandir-se com maior amplitude para atender às necessidades do país.

O governo, mobilizando seus esforços para suprir a falta de utilidades que o bloqueio dificultava importar, direcionava-os preferencialmente para onde os resultados fossem mais imediatos.

Terminada a guerra, ainda persistiu a tese de auxiliar com maior vigor os Estados mais desenvolvidos.

E tem sido uma das razões do desamparo em que se encontra o Meio-Norte essa tese, ainda hoje defendida no meio financeiro nacional, de que “se deve desenvolver o desenvolvido”. E, assim, Piauí e Maranhão continuam sendo os dois Estados mais pobres do país, cada vez mais distanciados economicamente daqueles que lideram o nosso progresso material.

Essa política, vista pelo prisma contábil, pode ter justificativa; porém, uma Nação não é uma empresa comercial cuja força se mede pelos valores dos saldos de balanço. A Nação cresce com a elevação do nível econômico do seu povo. O baixo nível em que se encontra a população do Meio-Norte deve ser motivo de alarme nacional e, por conseqüência, os estadistas têm a obrigação de voltar as vistas para aquela região, encaminhando o seu amparo para lá. Não devemos esquecer que o baixo consumo das populações do Norte enfraquece o nosso mercado interno.

E os Estados do Piauí e do Maranhão têm sido, através da história, a região pouco atendida pelo Poder Central do país. Salvo na ocasião da invasão dos franceses no Maranhão, ou no período épico das “balaíadas” do Vale do Parnaíba, pouco se cuidou de uma região com tantas e tão notáveis perspectivas para o seu desenvolvimento.

E tão grandes possibilidades possui o Meio-Norte que, mesmo quase desprovido de amparo, só em razão do pouco que já se fez, o Piauí, no intervalo dos censos de 1940 e 1950, teve um crescimento da produção agrícola, de gêneros essenciais à vida, duas vezes e meia maior que o obtido no sul do país, e praticamente o dobro do crescimento de São Paulo. O Maranhão, embora em escala menor, contudo é o segundo Estado, naquele período, no aumento proporcional de sua produção agrícola, atingindo o dobro da média brasileira e um crescimento de 60% superior ao do sul do país.

Pelo “Anuário Estatístico do Brasil” de 1958, o Piauí se coloca logo abaixo de Mato Grosso no acréscimo da produção agrícola no período de 1938 a 1957. Seguem-se Goiás e Maranhão.

É expressivo saber que o Piauí cresceu mais de duas vezes a média do crescimento do Brasil e quase três vezes o crescimento de São Paulo. O Maranhão cresceu quase duas vezes a média do Brasil e duas vezes e meia mais do que o crescimento de São Paulo.

O crescimento de Mato Grosso e de Goiás decorre do largo atendimento do Governo Federal, desde que se desfraldou a bandeira da marcha para o Oeste. Mas o Meio-Norte vem obtendo essa recuperação com esforço próprio, sem que seja socorrido nas suas mais urgentes necessidades.

► **Limitações de apoio institucional e potencial do Vale do Parnaíba**

O Banco do Nordeste parece julgar-se desobrigado de atender ao Meio-Norte, e a Valorização da Amazônia não chega ao Piauí; e o próprio Maranhão é descurado nos seus planos de recuperação econômica.

O Vale do Parnaíba, encaixado entre os dois Estados, oferece perspectivas impressionantes para o soerguimento econômico do Meio-Norte.

Mas o Rio Parnaíba, outrora linha de penetração notável, servindo ao desenvolvimento do interior, foi ficando, aos poucos, abandonado até chegar ao ponto em que hoje se encontra, praticamente desprovido de navegação.

Sendo um rio de pequeno desnível — pois, em 1.000 quilômetros de extensão, o seu leito desce apenas 70 metros de altitude — poderá, com pequenas barragens ao longo do curso, tornar possível a navegação em longos trechos, ao mesmo tempo em que, pelo grande volume de água, permitirá a instalação de usinas hidrelétricas ao longo do seu percurso, com a difusão da eletrificação rural, promovendo assim amplo desenvolvimento em toda a zona do vale do Parnaíba, atendendo tanto ao Piauí quanto ao Maranhão.

É certo que a qualidade do povo e o amor à gleba têm feito esses Estados atingirem relativo grau de progresso, apesar mesmo da falta de obras de vulto que os ajudem a vencer as adversidades da natureza.

As recentes realizações rodoviárias, cortando o Piauí e o Maranhão em quase todas as direções, explicam serem esses dois Estados aqueles que maior progresso percentual apresentaram em seu desenvolvimento agrícola, destacando-se, nesse sentido, a primazia absoluta do Estado do Piauí. Se ele ainda é o mais pobre da Federação, já saiu, entretanto, do pauperismo degradante a que havia chegado desde que se extinguiu o ciclo do gado, ciclo que lhe deu lugar de relevo na história econômica do Brasil Colonial.

► **Dois regiões do Piauí e a antiga aspiração por um porto**

O Piauí tem duas regiões perfeitamente distintas, embora mantendo uma unidade social notável: a zona do sul e a do norte do Estado. O norte, sem dúvida a parte mais próspera do Piauí, secularmente aspira a um porto de mar que dê escoamento à produção do Estado. Esse sonho é o do Porto de Amarração, hoje Luiz Corrêa. Ele vem sendo, entretanto, executado há mais de meio século, mas as obras intermitentes, lamentavelmente, têm se perdido sem deixar benefícios reais para o engrandecimento do Piauí. É verdade que algumas dunas já foram fixadas, mas as areias movediças que vêm do nordeste — e que fizeram fracassar o primeiro porto do Ceará, e que ainda hoje assoreiam o porto de Mucuripe, destruindo a lendária praia de Iracema — essas areias entopem freqüentemente a barra de Luiz Corrêa; pois as dragagens têm sido insuficientes para atingir a batimétrica de equilíbrio, capaz de manter a barra com navegabilidade razoável. Os fracassos sucessivos, resultantes do empirismo com que se têm atacado essas obras, sem estudo prévio em laboratório, envolvem de pessimismo as novas tentativas realizadas para atender a esta legítima aspiração do Piauí de obter o seu porto de mar.

Por outro lado, a Estrada de Ferro Central do Piauí se queda pouco além de Piripiri, não se articulando com a linha de São Luís a Teresina. No sul, a Estrada de Ferro Petrolina—Teresina ficou em Paulistana; e, embora levassem o seu leito muito adiante, pelas margens do Canindé, gastando somas respeitáveis, esse leito vem sendo estragado pelo tempo, porque nunca se completou com os trilhos e dormentes imprescindíveis à circulação de trens.

Essa estrada era a chamada transcontinental, porque completava a ligação ferroviária do Sul do País até São Luís do Maranhão, onde era plano levar os trilhos da Estrada de Ferro Bragantina, de forma a atingir Belém do Pará.

O sul do Estado do Piauí está quase todo enquadrado no polígono das secas, mas não é para ele que se têm dirigido as verbas para a construção dos grandes açudes.

Pelo contrário, o Piauí sofre os rigores da estiagem sem amparo, sobrevivendo à custa do heroísmo do seu povo.

É importante frisar que apenas a iniciativa particular tem construído alguns pequenos açudes, de atendimento restrito, e que as poucas verbas destinadas ao Estado do Piauí para enfrentar o problema da seca não eram aplicadas.

► **Perspectivas recentes e promessa de obras**

Novas perspectivas surgem agora, face ao interesse demonstrado pelo Excelentíssimo Sr. Presidente da República, Juscelino Kubitschek, ao determinar, após minuciosa exposição feita a S. Ex.^ª sobre o problema da seca no Estado do Piauí por uma comissão de parlamentares presidida pelo Deputado João Clímaco de Almeida — e a qual acompanhamos — que urgentes providências fossem tomadas no sentido da solução desses problemas naquele rincão do Nordeste. Assim, obras de grande vulto devem, dentro em pouco, ser iniciadas.

Fonte: Adaptado da introdução do documento

Prezado(a),

A fim de atender na íntegra o conteúdo do edital, este tópico será disponibilizado na Área do Aluno em nosso site. Essa área é reservada para a inclusão de materiais que complementam a apostila, sejam esses, legislações, documentos oficiais ou textos relacionados a este material, e que, devido a seu formato ou tamanho, não cabem na estrutura de nossas apostilas.

Por isso, para atender você da melhor forma, os materiais são organizados de acordo com o título do tópico a que se referem e podem ser acessados seguindo os passos indicados na página 2 deste material, ou por meio de seu login e senha na Área do Aluno.

Visto a importância das leis indicadas, lá você acompanha melhor quaisquer atualizações que surgirem depois da publicação da apostila.

Se preferir, indicamos também acesso direto ao arquivo pelo link a seguir: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_15.pdf

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

FUNDAMENTOS SÓCIO-FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

Fundamentos da Educação¹

A educação deve levar em conta a natureza própria do indivíduo, encontrando esteios nas leis da constituição psicológica do indivíduo e seu desenvolvimento. A relação entre os indivíduos a educar e a sociedade torna-se recíproca. Pretende que a criança aproxime do adulto não mais recebendo as regras de boa ação, mas conquistando-as com seu esforço e suas experiências pessoais, em troca a sociedade espera das novas gerações mais do que uma imitação; espera um enriquecimento.

Caso queiramos proceder corretamente no campo técnico da educação, teremos que a elas recorrer para que não sejamos tentados em nossa ação educativa, a impor modelos, para com que eles, os alunos, se identifiquem. Teremos sim que lhes oferecer situações, experiências que resultem em uma modelagem adequada. Modelagem não estereotipada, mas decorrentes das diferenças individuais de cada aluno.

► Fundamentos Sociológicos

No Brasil, convivem lado a lado, uma Sociologia de Educação cética com relação à ordem existente, baseada em modelo marxista, uma outra baseada em metodologia de pesquisa empírica e, ainda outra que, rejeitando ambas as abordagens, adota perspectivas de inspiração interacionista, fenomenológica ou etnometodológica. As diferenças entre os referenciais teóricos, os temas tratados e a orientação política são tão grandes que talvez fosse mais correto falar em Sociólogos da Educação.

Nos últimos vinte anos pertencem a Althusser (1970), Bowles e Gintis (1976), Bourdieu e Passeron (1970) e Michael Yong (1971), os estudos que marcaram e delimitaram o campo da Sociologia Educacional. Estes estudos postulam que a produção e reprodução das classes reside na capacidade de manipulação e moldagem das consciências, na preparação de tipos diferenciados de subjetividade de acordo com as diferentes classes sociais.

A escola participa na consolidação desta ordem social pela transmissão e incubação diferenciada de certas ideias, valores, modos de percepção, estilos de vida, em geral sintetizados na noção de ideologia. Os estudos centram-se nos mecanismos amplos de reprodução social via escola.

Num outro eixo, encontramos os ensaios da Nova Sociologia da Educação preocupados em descrever as minúcias do funcionamento do currículo escolar e seu papel na estruturação das desigualdades sociais. A Nova Sociologia da Educação coloca a problematização dos currículos escolares no centro da análise sociológica de Educação.

A Sociologia da Educação, hoje, aborda como tema central de discussão: o papel da educação na produção e reprodução da sociedade de classes. A Educação facilmente descobre que um dos lugares eminentes de sua teoria e de sua prática está no interior dos movimentos sociais. Cabe, pois, a escola o papel de preparar técnica e subjetivamente as diferentes classes sociais para ocuparem seus devidos lugares na divisão social.

Bourdieu e Passeron percebem como essa divisão é mediada por um processo de reprodução cultural. Sabemos que as forças culturais que atuam sobre o comportamento precisam ser conhecidas para um melhor planejamento e, conseqüentemente, melhor ensino. De particular interesse para o processo educativo são os fatores familiares, o grupo de adolescentes a que se filia ("a turma") e a escola.

As condições do ambiente forjam a sua resposta ou reticência, aos estímulos, formando padrões de hábitos que encorajam ou desencorajam as atividades que motivam ou desmotivam a aprendizagem. O comportamento em classe está estritamente relacionado com o ambiente familiar e a sua posição socioeconômica. Fatores estes ocasionadores de procedimentos antissociais ou de extrema instabilidade e falta de amadurecimento.

A "turma" é de vital importância para o adolescente que, ao "enturmar-se", prefere os padrões de seu grupo aos dos adultos, algumas vezes diminuindo até o seu rendimento escolar para satisfazer o seu grupo. O aluno, ser temporal e espacial, vivendo dentro de uma comunidade, pertencendo a um grupo social, participando de instituições várias, possuindo um "status" socioeconômico, para integrar-se aos padrões de comportamento social necessita de um atendimento dentro da sua realidade individual.

A organização de currículos, programas e planejamentos de ensino alienados da realidade social não é de natureza prática e não conduz a motivação. No entanto, como os grandes educadores e pedagogos, deveríamos ir muito além, formando "conceitos humanísticos" que superam dialeticamente o individual e o social para fazer surgir o ser humano integral, dando ao educando condições de adaptação em qualquer tipo de sociedade no tempo e no espaço.

► Fundamentos Filosóficos

Para educarmos os homens de um modo sensato e esclarecido, convém saber no que queremos que eles se tornem quando os educamos. E para sabê-lo é necessário indagar para que vivem os homens - ou seja, investigar qual pode ser a finalidade da vida e o que ela deve ser.

Portanto, devemos inquirir sobre a natureza do mundo e os limites que este fixa para o que o homem pode saber e fazer. A natureza humana, a boa vida e o lugar do homem no esquema das coisas estão entre os tópicos perenes de Filosofia.

1 <https://pedagogiaparaconcurseiros.com.br/apostila-de-fundamentos-da-educacao/>

Refletindo sobre o significado da educação para a vida humana, teremos de, mais cedo ou mais tarde, considerar filosoficamente a educação. O que é, pois, a Filosofia e qual a sua contribuição para a educação?

A Filosofia é a tentativa para pensar do modo mais genérico e sistemático em tudo o que existe no universo, no “todo da realidade”. Aí, temos a Filosofia como especulação - seu aspecto contemplativo e conjectural.

Outros dois aspectos são prescritivo e o crítico. O primeiro quando recomenda (prescreve) valores e ideias. Examina o que entendemos por bom e mau, certo e errado, belo e feio. Analisa se essas qualidades são inerentes às próprias coisas ou se são, simplesmente, projeções das nossas próprias mentes.

O outro aspecto concerne a crítica e à análise. O filósofo aí, analisa conceitos tais como mente, eu e causa - e, na educação, motivação, adaptação e interesse a fim de descobrir seu significado em diferentes contextos.

▪ Aplicações da Filosofia à Educação

Como a Filosofia Formal se relaciona com a educação e a Filosofia Educacional? Como as diversas categorias da Filosofia Formal podem ser úteis ao pensamento que se dedica a questões educacionais? Para isto, teremos que considerar o significado de Educação.

A educação pode ser considerada em dois sentidos: um lato, o outro técnico. Em sua acepção lata, a educação diz respeito a qualquer ato ou experiência que tenha um efeito formativo sobre a mente, o caráter ou a capacidade física de um indivíduo. Neste sentido, a educação nunca termina; verdadeiramente, “aprendemos pela experiência” ao longo de nossa vida.

Todas as espécies de experiência podem ser educativas - desde a leitura de um livro até uma viagem ao estrangeiro, desde as opiniões das pessoas nossas conhecidas até a possibilidade de surpreendermos um comentário, no burburinho de um bar. Na sua acepção técnica, a educação é o processo pelo qual a sociedade, por intermédio de escolas, ginásios, colégios, universidades e outras instituições, deliberadamente transmite sua herança cultural - seus conhecimentos, valores e dotes acumulados - de uma geração para outra.

Devemos igualmente distinguir entre educação como um produto e como um processo. Como um produto, a educação é o que recebemos através da instrução ou aprendizagem - os conhecimentos, ideais e técnicas que nos ensinam. Como processo, a educação é o ato de educar alguém ou de nos educarmos.

Examinemos agora as definições de educação por três especialistas, as quais diferem mutuamente e também da que por nós foi proposta. Herman Horne, um idealista, escreve: “A educação é o processo externo de adaptação superior do ser humano, física e mentalmente desenvolvido, livre e consciente, a Deus, tal como se manifestou no meio intelectual, emocional e volitivo do homem”.

John Dewey, um pragmático, declara: “A educação pode ser definida como um processo de contínua reconstrução da experiência, com o propósito de ampliar e aprofundar o seu conteúdo social, enquanto, ao mesmo tempo, o indivíduo ganha o controle dos métodos envolvidos”.

De acordo com o Papa Pio XI: “A educação consiste, essencialmente, em preparar o homem para o que deve ser e para o que deve fazer aqui na Terra, a fim de atingir o fim sublime para que foi criado”.

O assunto da educação é o homem global e inteiro, alma unida ao corpo em unidade da natureza, com todas as suas faculdades naturais e sobrenaturais, tal como a razão justa e a revelação lhe mostraram que fosse

Assim, diferentes Filosofias fornecem diferentes definições da educação. Qual é a natureza da Filosofia educacional que toma possíveis semelhantes diferenças?

▪ O Âmbito da Filosofia Educacional

Assim como a Filosofia geral procura entender a realidade como um todo, explicando-a da maneira mais genérica e sistemática, assim a Filosofia educacional procura também compreender a educação, na sua integridade, interpretando-a por meio de conceitos gerais suscetíveis de orientarem a escolha de objetivos e diretrizes educativas. Do mesmo modo que a Filosofia geral coordena as descobertas e conclusões das diversas ciências, a Filosofia educacional interpreta-as na medida em que se relacionam com a educação.

As teorias científicas não comportam em si mesmas inequívocas implicações educacionais; não podem ser aplicadas diretamente. Um motivo para isso é que os cientistas nem sempre concordam entre si sobre o que constitui um conhecimento definitivo. Não existe, por exemplo, uma teoria de aprendizagem geralmente aceita.

Outro motivo é que, ao selecionar objetivos e diretrizes educativas, temos de formular juízos de valor, de decidir, entre uma quantidade de fins e meios possíveis, quais os que deveremos adotar. Como já vimos, a ciência não pode tomar por nós tais decisões, se bem que possa fornecer muitos dos fatos em que as nossas decisões se baseiam. Esses juízos têm de ser elaborados dentro do quadro de uma Filosofia que pessoalmente aceitamos.

A Filosofia educacional depende da Filosofia formal porque quase todos os grandes problemas da educação são, no fundo, problemas filosóficos. Não podemos criticar os ideais e as diretrizes educacionais existentes, nem sugerir novos, sem atendermos a problemas filosóficos de ordem geral, tais como a natureza do próprio homem, que é um dos alvos da educação; a natureza do próprio homem, porque é o homem que estamos educando; a natureza da sociedade, porque a educação é um processo social; e a natureza da realidade suprema, que todo o conhecimento procura penetrar.

A Filosofia educacional, portanto, envolve a aplicação da Filosofia formal ao campo da educação. Tal como a Filosofia geral, ela é especulativa, prescritiva e crítica ou analítica.

A Filosofia educacional é especulativa quando procura estabelecer teorias da natureza do homem, sociedade e mundo, por meio das quais ordene e interprete os dados conflitantes da pesquisa educacional e das ciências humanas. O filósofo educacional pode estabelecer tais teorias deduzindo-as da Filosofia formal e aplicando-as à educação, ou, então, passando dos problemas particulares da educação para um esquema filosófico capaz de resolvê-los.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

COMPREENSÃO DE TEXTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS SOBRE ASSUNTOS VARIADOS

A habilidade de compreender e produzir gêneros textuais diversos é essencial no processo de aprendizagem da língua inglesa. Através do domínio dessas habilidades, os estudantes são capazes de interpretar e expressar ideias de maneira adequada em diferentes contextos comunicativos.

► A importância da compreensão de gêneros textuais em língua inglesa

A compreensão de gêneros textuais em língua inglesa é essencial para que os estudantes possam interagir de maneira efetiva com diferentes tipos de textos escritos e falados. Ao compreender os recursos linguísticos, estruturas e propósitos dos diversos gêneros textuais, os alunos são capazes de extrair informações relevantes, identificar ideias principais e inferir significados implícitos.

Essa compreensão também permite que os estudantes desenvolvam habilidades críticas de leitura e análise. Ao explorar diferentes gêneros, como artigos de opinião, notícias, ensaios, contos e diálogos, os alunos podem examinar perspectivas diversas, argumentos e estilos de escrita. Isso contribui para uma compreensão mais ampla do idioma e para o desenvolvimento de pensamento crítico.

► Estratégias para desenvolver a compreensão de gêneros textuais

Existem várias estratégias que podem ser utilizadas para desenvolver a compreensão de gêneros textuais em língua inglesa. Algumas delas incluem:

- **Prática de leitura extensiva:** A leitura extensiva de diferentes gêneros textuais é uma forma eficaz de aumentar a exposição e a familiaridade com diferentes estruturas e estilos de escrita. Através da leitura de livros, artigos, revistas e outros materiais autênticos, os alunos têm a oportunidade de expandir seu vocabulário, melhorar a compreensão de leitura e desenvolver habilidades de inferência.
- **Análise de estruturas textuais:** Ao analisar diferentes gêneros textuais, os estudantes podem identificar as estruturas textuais comuns, como introdução, desenvolvimento e conclusão. Essa análise permite que os alunos compreendam a organização lógica dos textos e identifiquem informações-chave em cada seção.

- **Uso de estratégias de leitura:** A aplicação de estratégias de leitura, como leitura de títulos, skimming (leitura rápida para identificar ideias principais) e scanning (leitura rápida para localizar informações específicas), pode ajudar os alunos a obter uma compreensão geral dos textos e a identificar informações relevantes de forma mais eficiente.

- **Discussão e reflexão:** Após a leitura de um texto, é importante promover discussões em sala de aula para incentivar os alunos a compartilharem suas interpretações, ideias e pontos de vista. Essa atividade estimula o pensamento crítico, a expressão oral e uma análise mais aprofundada dos gêneros textuais.

A importância da produção de gêneros textuais em língua inglesa

A produção de gêneros textuais em inglês possibilita que os estudantes se expressem de forma efetiva, comunicando suas ideias e opiniões de maneira adequada aos diferentes contextos. Ao dominar a produção de gêneros textuais, os alunos adquirem habilidades de escrita mais avançadas, o que é essencial tanto em situações acadêmicas quanto profissionais.

Esse processo também auxilia os estudantes no desenvolvimento da criatividade, organização de pensamentos e argumentação. Ao escrever ensaios, relatórios, resumos, cartas e outros tipos de texto, os alunos aprimoram sua capacidade de articular ideias, estruturar informações de forma coerente e usar vocabulário apropriado.

Há várias estratégias que podem ser adotadas para desenvolver textos em diferentes gêneros em inglês. Algumas delas incluem:

- **Prática regular de escrita:** A escrita regular é fundamental para o desenvolvimento da habilidade de produzir diferentes gêneros textuais. Os alunos devem ser encorajados a escrever com frequência, abordando diferentes tópicos e estilos de escrita. Isso pode ser feito por meio de atividades de redação, diários, resenhas de livros ou filmes, entre outras.
- **Uso de modelos de escrita:** Fornecer aos alunos modelos de escrita é uma estratégia eficaz para orientá-los na produção de diferentes gêneros textuais. Ao analisar exemplos de ensaios, cartas formais, artigos de opinião, entre outros, os alunos podem compreender as características estruturais e linguísticas de cada gênero e aplicá-las em suas próprias produções.
- **Feedback e revisão:** Proporcionar feedback construtivo e incentivar a revisão dos textos escritos são etapas cruciais no desenvolvimento da produção de gêneros textuais. Os

▪ alunos devem ser encorajados a rever seus textos, identificar possíveis erros e aprimorar sua escrita com base nas orientações recebidas.

▪ **Estudo de vocabulário e expressões idiomáticas:** O conhecimento de vocabulário específico e expressões idiomáticas é essencial para a produção efetiva de diferentes gêneros textuais. Os alunos devem ser incentivados a estudar e praticar o uso de vocabulário adequado a cada gênero, enriquecendo suas produções escritas.

Ao desenvolver a competência de compreender e produzir diferentes gêneros, os estudantes adquirem a capacidade de interagir de forma efetiva com diferentes tipos de textos escritos e falados. Através de estratégias como leitura extensiva, análise de estruturas textuais, discussão, prática regular de escrita e revisão cuidadosa, os alunos podem aprimorar suas habilidades de compreensão e produção, tornando-se comunicadores mais proficientes em língua inglesa.

TIPOLOGIA TEXTUAL

TIPOLOGIAS TEXTUAIS: DESCRIÇÃO, NARRAÇÃO, ARGUMENTAÇÃO E INJUNÇÃO

▪ As tipologias textuais são categorias amplas que classificam os textos de acordo com sua finalidade e organização. Elas são essenciais para compreender e produzir textos, pois cada tipologia possui características específicas que guiam o uso da linguagem, a estrutura e os elementos que compõem o texto. No ensino de língua inglesa, conhecer as tipologias textuais – descrição, narração, argumentação e injunção – é fundamental para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e comunicativas.

► Descrição

▪ A descrição tem como objetivo retratar algo de maneira detalhada, seja uma pessoa, um lugar, um objeto ou uma situação. Ela busca criar uma imagem mental no leitor ou ouvinte, utilizando recursos linguísticos que enfatizem as características do que está sendo descrito.

▪ No texto descritivo, os adjetivos desempenham um papel central, assim como as expressões que indicam formas, cores, tamanhos e sensações. Verbos de estado, como *to be*, *to seem* e *to appear*, são comuns, pois auxiliam na apresentação das características do objeto descrito.

Exemplo em inglês:

▪ The house was enormous, with tall, white columns in the front and a beautiful garden filled with roses of every color. The scent of flowers lingered in the air, and the sound of birds singing made the place feel alive.

▪ No exemplo, a descrição detalhada cria uma imagem vívida para o leitor, utilizando adjetivos (*enormous*, *beautiful*), substantivos específicos (*columns*, *garden*, *roses*) e verbos

▪ que evocam sensações (*lingered*, *singing*). A descrição é especialmente útil em narrativas, quando se deseja criar um cenário ou caracterizar um personagem.

► Narração

▪ A narração está relacionada ao relato de eventos, reais ou fictícios, que ocorrem em uma sequência temporal. É uma das tipologias mais dinâmicas, pois envolve personagens, ações e um enredo que geralmente apresenta um começo, um meio e um fim.

▪ No texto narrativo, os verbos de ação e os conectores temporais, como *then*, *after that* e *suddenly*, são elementos fundamentais para indicar o desenvolvimento dos acontecimentos. A escolha dos tempos verbais, como o passado simples (*simple past*), também desempenha um papel crucial.

Exemplo em inglês:

▪ Yesterday, Sarah went to the park. She walked along the path, enjoying the fresh air, when suddenly a dog ran toward her. It barked loudly, but to her relief, it just wanted to play.

▪ Nesse exemplo, a narração apresenta eventos em sequência, utilizando conectores temporais (*yesterday*, *when suddenly*), verbos de ação (*walked*, *ran*, *barked*) e detalhes que ajudam a construir a história. A narração é amplamente utilizada em contos, romances, reportagens e diálogos.

► Argumentação

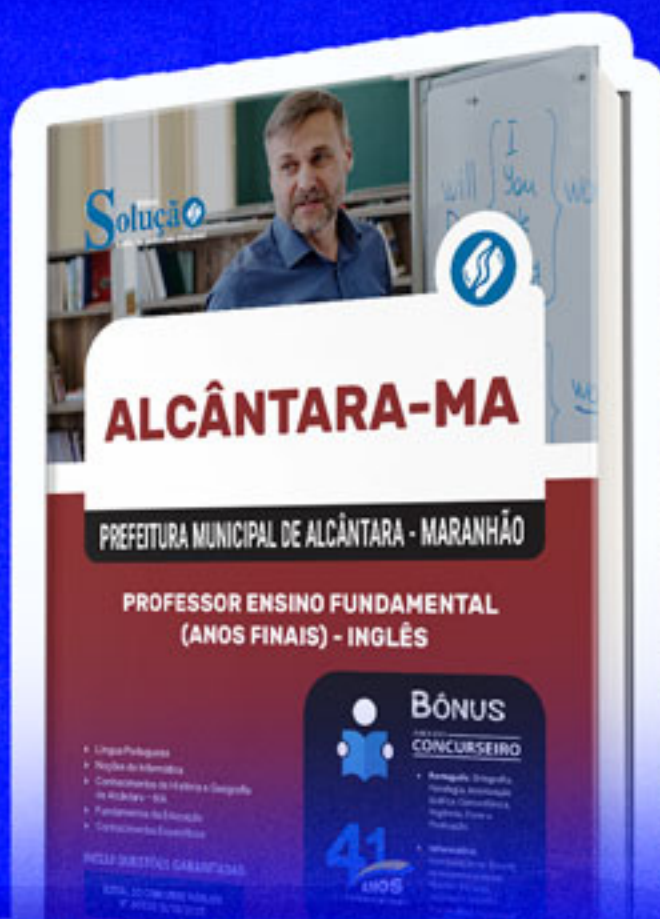
▪ A argumentação é uma tipologia que visa convencer o leitor ou ouvinte sobre um ponto de vista, utilizando raciocínios lógicos, evidências e exemplos. Textos argumentativos são comuns em ensaios, artigos de opinião e debates, sendo fundamentais para a prática de habilidades críticas e retóricas.

▪ O texto argumentativo organiza-se em torno de uma tese – a ideia central que o autor defende – e utiliza argumentos para sustentá-la. Conectores como *however*, *therefore* e *on the other hand* ajudam a construir a lógica do texto, enquanto a escolha cuidadosa do vocabulário contribui para a persuasão.

Exemplo em inglês:

▪ Climate change is one of the most pressing issues of our time. The evidence is clear: rising temperatures, melting ice caps, and extreme weather events are becoming more frequent. Governments must take immediate action to reduce carbon emissions, or the consequences will be catastrophic.

▪ Nesse exemplo, a tese é apresentada de forma clara e é sustentada por evidências (*rising temperatures*, *melting ice caps*). Além disso, a argumentação utiliza linguagem direta e assertiva para convencer o leitor da urgência do tema.



GOSTOU DESSE MATERIAL?

Então não pare por aqui: a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

EU QUERO DESCONTO!